



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.35.89.19141>

**Recordações de estudantes de suas piores experiências
envolvendo professores**

*Recollection by students of their worst experiences involving
teachers*

Paloma Pegolo de Albuquerque
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – palomanier@yahoo.com.br
Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Universidade Federal de São Carlos – luciacawilliams@gmail.com

Resumo

A violência na escola pode se manifestar de diversas formas e envolver vários agentes escolares, como estudantes, funcionários, gestores e professores. Considerando que agressões direcionadas a estudantes praticadas por professores tem sido pouco pesquisadas, o objetivo desse estudo retrospectivo foi o de investigar as piores experiências envolvendo professores de acordo com estudantes, analisando o impacto de tais experiências sobre o bem estar dos mesmos. De uma amostra de 691 estudantes de uma universidade pública que responderam ao instrumento retrospectivo “Experiências Escolares Traumáticas em Estudantes”, 156 identificaram o envolvimento de professores na sua pior experiência escolar. Foram apontadas experiências de violência relacional (34,5%); disciplina injusta (26,2%); violência verbal (8,3%); violência física (5,7%); presenciar violência (3,7%); e violência sexual (0,6%). Os relatos dos participantes indicaram episódios envolvendo humilhações; perseguição; isolamento social; discriminação étnica, por status socioeconômico, condição de

saúde/doença; homofobia; e punição corporal. A maioria dos estudantes relatou ter se incomodado muito com a experiência, identificando diversos problemas decorrentes, tais como dificuldades acadêmicas, queixas somáticas, isolamento social e sintomas depressivos. Tais dados apontam para a importância de programas de prevenção a violência no contexto escolar que sejam sensíveis às necessidades de todos os envolvidos, contribuindo para que as escolas sejam ambientes propícios ao desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis.

Palavras-chave: Violência; Professores; Saúde mental

Abstract

School violence may manifest itself in a variety of ways and involve various agents, such as students, staff, administrators and teachers. Considering that aggression directed at students perpetrated by teachers has had little research, the purpose of this study was to investigate the worst experiences involving teachers according to students, analyzing the impact of such experiences on student wellbeing. Of a sample of 691 students from a public university who responded to a retrospective instrument "Student Alienation and Trauma Survey", 156 identified the involvement of teachers in their worst school experience. These students identified relational violence experiences (34.5%); unfair discipline (26.2%); verbal violence (8.3%); physical violence (5.7%); witnessing violence (3.7%); and sexual violence (0.6%) by teachers. Participants verbalizations have identified humiliations; persecution; social isolation; discrimination of race/ethnicity, socioeconomic status, health condition and homophobia; as well as the use of corporal punishment by teachers. Most students reported being much distressed by the experience, identifying the appearance of subsequent problems such as academic difficulties, somatic complaints, social withdrawal and depressive symptoms. These data point to the importance of violence prevention programs in the school context which are sensitive to the needs of all involved, making the school environment conducive to the development of healthy interpersonal relationships.

Keywords: Violence; Teachers; Mental Health

Resumen

La violencia en la escuela puede manifestarse de diversas formas e involucrar a varios agentes escolares, como estudiantes, funcionarios, gestores y maestros. Considerando que agresiones dirigidas a estudiantes practicadas por profesores ha sido poco investigadas, el objetivo de este estudio retrospectivo fue el de investigar las peores experiencias involucrando a profesores de acuerdo con los estudiantes, analizando el impacto de tales experiencias sobre el bienestar de los mismos. De una muestra de 691 estudiantes de una universidad pública que respondieron al instrumento retrospectivo "Experiencias Escolares Traumáticas en Estudiantes", 156 identificaron la participación de maestros en su peor experiencia escolar. Se señalaron experiencias de violencia relacional (34,5%); disciplina injusta (26,2%); violencia verbal (8,3%); violencia física (5,7%); presenciar violencia (3,7%); y la violencia sexual (0,6%). Los informes de los participantes indicaron episodios de humillación; persecución; aislamiento social; discriminación étnica, estatus socioeconómico, condición de salud / enfermedad; homofobia; y el castigo corporal. La mayoría de los estudiantes

reportaron que se habían molestado mucho con la experiencia, identificando diversos problemas, tales como dificultades académicas, quejas somáticas, aislamiento social y síntomas depresivos. Estos datos apuntan a la importancia de programas de prevención de la violencia en el contexto escolar que sean sensibles a las necesidades de todos los involucrados, contribuyendo a que las escuelas sean ambientes propicios para el desarrollo de relaciones interpersonales saludables.

alabras clave: Violencia; Maestros; Salud mental

Introdução

A violência na escola é um problema multissistêmico influenciado por questões sociais, comunitárias e também da própria escola (Espelage et al., 2013). Tal violência pode se manifestar de diversas formas e envolver vários agentes escolares, como estudantes, funcionários, gestores e professores. Apesar do reconhecimento de que o professor também sofre violência nas escolas (Espelage et al., 2013; Ruotti, 2007; Silva, 2013), o foco desse estudo é a violência escolar direcionada a estudantes por professores, fenômeno que, segundo diversos autores (Benbenishty, Zeira, Astor, & Khoury-Kassabri, 2002; Campbell, 2004; Khoury-Kassabri, Astor & Benbenishty, 2008; Whitted & Dupper, 2008), tem sido pouco estudado e recebido pouca atenção. Cabe destacar que muitos estudos utilizam termos amplos, como equipe escolar e funcionários, para se referir à violência envolvendo adultos cuidadores no ambiente escolar, na sua maioria professores. Na presente pesquisa esses termos serão utilizados também para se referir ao fenômeno da violência perpetrada por professores.

Os educadores tem um papel fundamental na vida das crianças, pois a partir da relação com os docentes, as mesmas adquirem conhecimentos para todo o curso de vida e tem suas capacidades psicossociais promovidas (Barbosa, Campos & Valentim, 2011). A relação professor-aluno é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, uma vez que, de acordo com Benbenishty et al. (2002), os educadores fornecem conhecimento e habilidades de

aprendizagem necessárias para o desenvolvimento acadêmico, psicológico e social.

Adicionalmente, os educadores são modelos de normas e habilidades sociais, pois pela interação com os adultos nas escolas os estudantes aprendem lições importantes sobre empatia e respeito aos outros (Benbenishty et al., 2002; Benbenishty, Zeira & Astor, 2002). Da mesma forma, professores que empregam a violência contra seus alunos oferecem modelos de comportamentos inadequados e de comportamentos agressivos para resolver conflitos.

De acordo com Campbell (2004), o impacto aos alunos da autoria da violência envolvendo professores pode ser grande, considerando que apenas um professor que maltrata emocionalmente a classe tem o potencial de causar dano a muitos alunos. Além disso, a relação de poder entre professor e aluno é desigual e os alunos têm dificuldade para se defender (Whitted & Dupper, 2008; Williams, D'Affonseca, Correia, & Albuquerque, 2011). A vitimização física, emocional e sexual pelos funcionários escolares pode ser qualitativamente mais prejudicial do que a vitimização por pares, pois ameaça severamente o senso de segurança da criança e a capacidade de confiar em adultos (Khoury-Kassabri et al., 2008).

Na literatura são descritos basicamente três modalidades de violência dirigida a alunos pelos funcionários escolares: emocional, física e sexual. Para Benbenishty et al., (2002) a violência emocional pode ser verbal e não verbal. A violência emocional ou relacional inclui humilhações em público, xingamentos, ameaças a estudantes e suas famílias, ridicularização da aparência dos estudantes, suas condições físicas de saúde, suas habilidades, discriminações e outros comportamentos degradantes. No que se refere à violência física, além de comportamentos como bater, empurrar, beliscar, etc., pode ocorrer punição corporal. A punição corporal consiste no uso de força física com a intenção de causar dor ou desconforto à criança, mas não machucar, e com o propósito de corrigir ou controlar o comportamento da mesma, sob a alegação de que melhoraria o seu sucesso acadêmico (Ghosh & Pasupathi, 2016). Nesse processo pode ser utilizada força leve ou pesada e muitas vezes são usados objetos. O assédio sexual pode ocorrer na forma de investidas sexuais, comentários e toques impróprios (Benbenishty et al., 2002).

Todos esses tipos de violências podem ser ocasionais ou frequentes, podendo tornar-se um padrão de assédio constante a um estudante especificamente. De acordo com Benbenishty et al. (2002) os relatos de abuso emocional são mais frequentes, seguidos dos de abuso físico; os abusos sexuais não são descritos frequentemente. Para Khoury-Kassabri et al. (2008), os estudos sugerem que os estudantes do mundo todo são vitimizados por professores de forma mais frequente do que se imagina.

Em um estudo de prevalência da vitimização emocional e física de estudantes perpetrada pela equipe escolar em Israel, Benbenishty et al. (2002) tiveram a participação de 10.410 estudantes das séries 7^a a 11^a de 61 escolas do país. Os autores apontaram que, no geral, os estudantes reportaram altas taxas de vitimização. Quase um quarto (24,9%) reportou ao menos um tipo de violência emocional no mês anterior à pesquisa: 20,9% ter sido “zoados”, insultado ou humilhado e 24,9% relatou ter sido humilhado ou ameaçado. Quanto à vitimização física, quase um quinto (18,7%) apontou ao menos um tipo de tal vitimização: 8,7% reportou ter sido agarrado ou empurrado; 8% relatou ter sido beliscado ou estapeado e 4,8% ter sido chutado por um profissional da escola. Em termos do assédio sexual, 8,2% dos estudantes reportaram ao menos um comportamento sexual inapropriado pelos funcionários escolares: 5,4% das crianças afirmaram que a equipe escolar fez comentários sexuais indesejados, 4,3% relataram tentativas de toques de caráter sexual e 3,9% apontaram que receberam investidas sexuais por parte dos funcionários escolares no mês anterior à pesquisa.

Posteriormente, Khoury-Kassabri et al. (2008) examinaram os resultados de quatro estudos de prevalência de vitimização de estudantes por equipe escolar e professores em Israel, comparando dados de 1998, 1999, 2002 e 2005. Os resultados revelaram que a vitimização foi similar nos períodos investigados. No ano de 2005, por exemplo, 28,3% reportou ao menos um tipo de vitimização emocional, enquanto 14,9% de vitimização física e 7,6% de sexual. No geral, a violência emocional variou de 26,5% a 28,7%; sendo que a quantidade que apontou ter sido “zoados”, insultado ou humilhado foi de 21 a 25,3%; ter sofrido qualquer vitimização física: 12,5 a 14,9%, tentativa de toque de caráter sexual: 3,2 a 4,6% (Khoury-Kassabri et al., 2008).

Em estudo retrospectivo, Ateah e Cohen (2009) aplicaram o instrumento *Student Alienation and Trauma Survey*, SATS, (Hyman & Snook, 2002) em 1007 estudantes universitários dos Estados Unidos e em 210 do Canadá e 30,5% da amostra canadense afirmou ter sofrido vitimização por adultos, o mesmo ocorrendo com 44% da amostra americana. Na pesquisa de Campbell (2004) realizada com 95 estudantes de graduação australianos que responderam ao SATS, 21,2% afirmaram que sua pior experiência escolar foi perpetrada por professores e 10% apontaram que havia o envolvimento de professores e alunos. No Brasil, um estudo piloto realizado por Williams, et al. (2011) com 81 estudantes universitários, 38% apontaram que um(a) professor(a) foi responsável pela “pior experiência escolar”.

Silva (2013) realizou uma pesquisa qualitativa com o objetivo de indicar os tipos de violência cometidos por professores que foram testemunhados e/ou vivenciados por futuros professores durante sua história de escolarização. A maioria dos 12 estudantes universitários participantes afirmou ter testemunhado ou vivenciado violência por parte de professores durante sua formação básica. Segundo tais participantes, os tipos de violência mais recorrentes foram de natureza simbólica e as agressões físicas apontadas pelos estudantes foram acompanhadas de ofensas verbais, como xingamentos, tais como “alunos burros”, “alunos animais” e outras denominações afins. Além disso, os participantes relataram ter tido sentimentos de tristeza, humilhação, medo e incômodo desencadeados pelas ações agressivas dos professores contra eles.

Em relação à vitimização por violência física, também no Brasil, Stelko-Pereira, Santini e Williams (2011) realizaram um estudo com 396 estudantes do Ensino Fundamental de duas escolas públicas de uma cidade do Estado de São Paulo e por meio de questionários identificaram que 21 alunos (5,3%) relataram ter sido agredidos fisicamente por funcionários escolares; tais alunos que passaram por essas agressões apresentaram índice maior de sintomas depressivos, bem como histórico de autoria e vitimização de bullying.

No que se refere ao efeito da violência perpetrada pela equipe escolar e pelos professores para os estudantes, Whitted e Dupper (2008) descrevem problemas emocionais, intelectuais, sociais e comportamentais e até mesmo

tentativas de suicídio. Para Hyman e Perone (1998) a utilização de uma forma de disciplina injusta e punitiva usada pelos educadores pode contribuir para a violência por parte dos estudantes, apresentação de comportamentos inadequados, desejo de vingança e até mesmo alienação do estudante em relação à escola, sendo comum que tais estudantes reportem sintomas traumáticos. De fato, o emprego de disciplina injusta pode se configurar como violência emocional ou física. Benbenishty et al. (2002) indicam que jovens alvos de violência por professores tem maior probabilidade de desenvolver problemas acadêmicos, queixas somáticas, dependência e reexperienciar o trauma infligido pelo educador.

Diante dos dados apresentados na literatura indicando a ocorrência de diversas formas de violência direcionadas aos estudantes, o objetivo do presente estudo retrospectivo foi o de investigar as piores experiências envolvendo professores de acordo com estudantes, analisando o impacto de tais experiências sobre o bem estar dos estudantes.

Materiais e Método

Participantes

A partir de um banco de dados de um estudo mais amplo (Albuquerque & Williams, 2015), do qual participaram 691 estudantes de uma universidade pública, foram selecionados os 156 participantes da presente pesquisa. Os estudantes tinham idade média de 21,3 anos, variando de 18 a 37 anos; 53,8% eram do sexo feminino e 46,2% do sexo masculino. Em relação à etnia, 75,6% declararam-se brancos; 5,1% negros; 12,8% pardos; 3,8% asiáticos; e 2,7% não especificaram suas respostas. No que se refere à renda familiar, 44,3% consideraram-na “Ligeiramente melhor do que a maioria”; 34,6% “Semelhante aos outros lares”; 17,9% “Muito melhor do que a maioria”; 3,2% “Ligeiramente pior do que a maioria”; e nenhum se declarou “Muito pior do que a maioria”. Os estudantes universitários eram pertencentes aos 34 cursos de graduação presencial da Universidade Federal de São Carlos.

Instrumento

Foi usado o instrumento norte-americano *Student Alienation and Trauma Survey – R* (SATS-R), de autoria de Hyman e Snook (2002). A versão utilizada foi traduzida e adaptada para o Brasil pelas autoras (Albuquerque & Williams, 2014), passando a ser denominado em português de *Experiências Escolares Traumáticas em Estudantes* (ExpT). Inicialmente o instrumento retrospectivo permite a coleta de dados sócio-demográficos, tais como: renda, etnia e grau de escolaridade dos pais. Em seguida, o SATS-R é dividido em duas partes. Na Parte I, há uma lista de 58 eventos traumáticos que podem ocorrer na escola divididos nas categorias violência relacional, violência física, violência verbal, disciplina injusta, presenciar violência e violência sexual. Para cada um desses eventos, o participante deve identificar a frequência do evento em uma escala do tipo *Likert* com seis gradações (indo do *Nunca* a *O tempo todo*). Além disso, indica o responsável pelo ato agressivo (*Um outro estudante* ou *Professor*). Há, então, uma pergunta aberta em que se solicita ao participante que descreva a pior experiência que já teve na escola. Em seguida, existem sete questões relacionadas à *Pior Experiência*, de forma a identificar o que teria ocasionado o evento, algumas informações sobre o agressor, a idade do participante quando o episódio ocorreu, qual a série escolar dele na época, o local, e os sentimentos decorrentes. A Parte II do instrumento inclui uma lista de 105 sintomas associados a estresse, sendo que, para cada um desses sintomas, é identificada a respectiva frequência e duração do mesmo, usando uma escala do tipo *Likert* de seis gradações, indo do *Nunca* ao *O tempo todo*.

Procedimento

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos e obteve aprovação (Parecer Nº 277/2010). Posteriormente, a aplicação do instrumento foi executada coletivamente em salas de aula da universidade, em horário de aula. Os participantes receberam informações sobre a coleta de dados retrospectiva, que envolvia questões sobre episódios negativos de sua vida e que sua participação poderia gerar algum tipo de desconforto ou estresse ao participante ao lembrar-se disso. Em seguida, eles preencheram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

Posteriormente, os participantes recebiam uma cópia do ExpT com numeração para manter em sigilo a identidade dos estudantes. Em seguida, eram dadas instruções detalhadas sobre como responder ao instrumento. A primeira autora se colocava à disposição para conversar com os participantes que apresentassem necessidade após o preenchimento dos questionários.

Resultados

Piores experiências escolares

Dentre os 691 estudantes que responderam o questionário, 156 (22,6%) relataram que professores estavam envolvidos na autoria da sua pior experiência. As piores experiências escolares apontadas pelos participantes perpetradas por professores foram referentes à violência relacional ou emocional (54 ou 34,5%); disciplina injusta (41 ou 26,2%); violência verbal (13 ou 8,3%); violência física (9 ou 5,7%); presenciar violência do professor a outra pessoa (6 ou 3,7%); e violência sexual (1 ou 0,6%); sendo que três participantes (1,8%) marcaram “outros” e 30 (19,2%) participantes não especificaram a pior experiência praticada por professores.

No que se refere à violência relacional foram descritas humilhações; perseguição; isolamento social; discriminação étnica, por status socioeconômico, por condição de saúde/doença e homofobia. Foram apontados itens como: “*Alguém disse coisas ruins sobre minha mãe ou minha família*”, como indica o relato da participante (P) 208:

Toda a minha família é argentina (pais, avós, tios, primos). Não lembro como e porque surgiu esse assunto na sala, talvez um jogo de futebol entre o Brasil e a Argentina tivesse ocorrido a (sic) pouco tempo, e a professora escreveu na lousa ‘Argentino ignorante’. Com isso, direta ou indiretamente ela xingou (sic) toda minha família

Foram descritos diversos exemplos de percepções de humilhações sofridas, como demonstra o relato seguinte: “*Eu era pequena, menor que as outras crianças e estava jogando volei contra minha vontade. A bola veio em minha direção e eu desviei, a professora então começou a me humilhar na frente*

de todos os alunos, dizendo coisas horríveis” (P 654). Houve também relatos sugestivos de perseguição aos estudantes: “A professora mandou fazer uns exercícios e eu terminei, mas a professora não me liberava, e ela precisava corrigir... ela se recusava a corrigir minhas atividades” (P 170).

Discriminação étnica foi apontada por quatro participantes, como demonstra a descrição de P176: *“Piadas sobre ‘raça’ são frequentes. Contudo, incomodei-me mais a partir do momento em que ocorreu com professores (duas vezes no caso)”. O relato seguinte mostra tal discriminação sendo presenciada: “era representante de turma, em um dado momento da aula um professor agrediu verbalmente um aluno negro com palavras racistas” (P 54).*

Foram citadas, ainda, situações de discriminação por condição de saúde/doença, como indicam os relatos dos participantes 31 e 670:

Tenho um problema de saúde (hiperidrose) e estávamos fazendo um sorteio. Eu preenchi um papel e coloquei no sorteio, mas como estava muito calor, acabei molhando o papel e quando a professora pegou do papel, disse: “Que babadinho! Vamos ver de quem é?”. E disse meu nome. Ela e todos os alunos riram por muito tempo (P31).

A minha pior experiência na escola foi com uma professora de Educação Física, quando cursava a 6ª série. O problema foi que não podia fazer a aula por ela ser a tarde (...) já que o sol desse horário é muito forte e iria me causar problemas de pele devido ao fato de eu ter LES (Lupos Eritomatoso Sistêmico). Então ela passou um trabalho sobre a Copa e (...) quando chegou a minha vez ela falou comigo da seguinte forma: ‘Até você, que não faz nada na aula. Você é a única aqui que nunca poderia deixar de fazer o trabalho’. Nas próximas aulas eu tinha que fazer relatórios e ela me tratava muito de forma hostil, dizendo algumas vezes que eu era “a doente” (P670).

Por fim, foram também relatados casos de homofobia, como nos dois exemplos a seguir:

O que acontecia eram zoações como apelidos e piadas (que para mim não eram nada engraçadas) que outros colegas faziam comigo (...) Em relação ao professor de educação física, ele, certa vez, me chamou de viadinho na

frente de outros colegas e acreditando que eu não estava ouvindo pelo fato de eu não gostar de futebol (P 179).

“Num ensaio de uma peça teatral, na sétima série (eu com treze anos); errei uma marcação no palco e a professora me chamou de BAMBI na frente de todos os alunos. Os estudantes, principalmente as meninas, sempre me chamavam de gay, bicha, etc.” (P 466).

Experiências referentes à disciplina injusta foram apontadas por 41 estudantes. Foram frequentes itens como “*Eu fui punido injustamente*”, indicado por 27 participantes:

Sempre fui um aluno muito aplicado, porém (...) Com essa professora ela me fez refazer a atividade 5 vezes porque ela dizia que não estava bom e no meu entender de criança na época, entendi que ela estava me punindo. Com isso passei a ter um pouco de ‘medo’ dos professores, medo de tirar nota baixa, de ir mal na escola, chegando até algum dia não querer ir pra aula (P226).

O relato de P525 também ilustra exemplo de punição considerada injusta:

“Fui punida injustamente na frente de toda a classe. A professora gritou comigo e me deixou atrás de um armário que ficava na frente da sala. Falava para mim (com seis anos) que animais (como aranhas) iam para atrás do armário ‘me pegar’” (P 525).

O evento “*Fiquei de castigo*” também foi apontado por três participantes como pior experiência escolar:

Estava pintando desenhos junto a minha colega, derrubamos uma caixa de giz no chão. A professora me colocou de castigo sozinha virada para o armário onde tinha aranhas (tenho muito medo de aranhas) e minha colega não teve o mesmo castigo. Achei a atitude injusta. Acredito que foi um acidente e, por isso, não queria ser punida (P 57).

No que concerne à violência verbal foi apontado o item “*Gritavam comigo*”, como indica o participante 274: “*A sala estava vendo um filme, e eu cheguei por último. Quando passei por detrás da televisão, tropecei no fio e ela desligou. A professora começou a gritar muito comigo e eu tentei religar o fio*

da tomada. Mesmo após religar o aparelho, ela ainda continuou a gritar comigo”.

Os relatos seguintes apontam como os estudantes se sentiram nessas situações de violência verbal:

A professora escreveu exercícios na lousa pra que os alunos resolvessem. Eu estava com dificuldade de enxergar, pois sentava no fundo da sala e tinha miopia. A professora me chamou e eu não sabia resolver o exercício, então ela começou a gritar comigo e dizer que eu era um ‘poço de desatenção’. Até os colegas da sala ficaram espantados com a reação dela, pois foi muito agressivo para tal situação. A partir de então passei a ter mais dificuldade na matéria e não me sentia a vontade para dizer para ela que eu não estava enxergando bem (P323).

“Lembro-me que o professor ficou irritado por eu não estar fazendo um trabalho corretamente no laboratório, e começou a gritar comigo diante da classe toda. Senti-me muito mal na ocasião” (P 464).

Foram relatados também insultos: *“Fui xingada em frente a toda sala por uma professora por conta de uma fofoca de outro aluno, além da humilhação, ela prejudicou minhas notas e exagerou no ocorrido ao relatar o que aconteceu aos meus pais” (P 440).*

O item “As pessoas me “zoavam” também foi apontado por alguns participantes: *“Pelo regulamento escolar, era proibido praticar atividades físicas de óculos. E eu (...) dado o alto grau de miopia e astigmatismo, sempre era alvo de piadas. A própria professora de Educação Física zombava” (P 443); “A professora da minha classe zombou da minha letra, o que era considerado importante para ela. Todos os outros alunos tiraram sarro e eu faltei da escola por uma semana” (P 438); e “O professor nos pressionava a responder perguntas na sala e quando tínhamos dúvida ele não tirava e ainda debochava. Ficava tensa durante a aula” (P 657).* Estes relatos mostram o impacto negativo que tais situações podem ter sobre o clima da sala de aula, gerando desconforto para os alunos e prejudicando a aprendizagem.

Em relação à violência física foram apontados itens como “Atiraram contra mim objetos como um livro, uma borracha ou outras coisas”: *“Com raiva, a professora arremessou o apagador de lousa contra mim”* (P 553); *“Puxaram minha orelha ou meu cabelo”*: *“Quando não realizava as atividades de maneira coerente, era punido com puxão de orelha ou de cabelo, isso me incomodava (sic), fazia com que me sentisse envergonhado e confuso por não ter certeza sobre o porque realmente estava sendo punido”* (P 499); e *“A professora pegou meu caderno tinha um exercício errado, então, ela puxou minha orelha na frente de todos”* (P 527). O relato seguinte também aponta punição aos comportamentos do aluno em uma escola religiosa: *“Eu fui para monitoria por brincar de chutes com meus amigos e me fizeram ajoelha (sic) e reza (sic) e falaram que isso não era normal. Parecia que eles falavam que eu tava com o capeta”* (P 524).

Outro item citado “Bateram-me com uma régua ou outra coisa”: *“(…) por não ter feito a tarefa de casa o professor pegou o mapa mundi, enrolou-o e me bateu, na cabeça. A experiência foi horrível e humilhante, única reação que tive foi chorar de dor e vergonha”* (P 635) e

No meu ingresso na escola minha professora não simpatizou comigo, sempre gritava muito, não deixava ir no banheiro e um dia me deu uma reguada na mão. Depois (...) eu sai da escola e perdi ano, assim fiquei atrasada e tinha dificuldades em aprender”; e “Fui agredida pela professora, com uma régua de madeira, pelo fato de estar desmontando uma lapiseira enquanto prestava atenção na aula (P360).

O relato seguinte aponta um episódio de violência física presenciado por um aluno: *“Um professor de matemática agrediu um aluno, jogando uma carteira sobre ele, por conta que o aluno foi questionar sobre sua nota, desta forma deixando toda sala com muito medo”* (P 607).

No que se refere à violência sexual apenas um participante citou o item “Tocaram em mim sexualmente” como sua pior experiência: *“Era pequeno e fui à aula de ginástica com um shorts novo. Lembro-me que no fim da aula,*

enquanto todos saíam o professor me chamou me perguntando sobre o shorts e o abriu” (P264).

Cabe apontar que os participantes tinham em média 11,8 anos quando ocorreu a pior experiência praticada por professores, com idade variando entre 4-20 anos, sendo que oito participantes não identificaram a sua idade. Com relação à duração da pior experiência escolar perpetrada por professores, quase metade dos participantes (48,7%) afirmou que a experiência durou “um dia”. No entanto, 19 participantes (12,2%) apontaram que durou “anos”, sendo que a quantidade de anos variou entre dois (três participantes); três anos (dois participantes); quatro anos (sete participantes); cinco anos (três participantes); a oito anos (2) (dois participantes não especificaram a quantidade de anos e oito indivíduos não especificaram a duração da sua pior experiência).

Impacto da pior experiência escolar

Em relação ao impacto das piores experiências escolares, a maioria dos participantes, 93 (59,6%), relatou ter se “incomodado muito” com a experiência; 55 (35,3%) ter se “incomodado um pouco”; seis (3,8%) “não se incomodaram” e dois (1,3%) não responderam a questão. Os participantes indicaram também como se sentiram após a ocorrência dessas experiências de violência, tendo marcado itens do questionário a respeito do impacto sofrido. Diversos participantes assinalaram itens relacionados à vivência de sintomas relacionados a trauma. Por exemplo, 42,3% assinalaram o item “Ficava alerta para não me magoarem ou ferirem novamente”; 27,6% indicaram “Imagens do que havia acontecido apareciam em minha mente”; 12,8% marcaram “Comecei a sentir que o fato estava acontecendo de novo”; e 18,6% indicaram o item “Ficava longe do lugar onde ocorreu o fato”.

Foram apontados também itens relativos a problemas somáticos, como “Tinha pesadelos” (assinalado por 17,9%); “Tinha dores de cabeça com mais frequência do que antes” (14,7%); e “Perdi meu apetite” (14,7%). Foram indicados, ainda, itens relacionados à depressão e ao impacto sobre a vida social e acadêmica, como “Chorava quando pensava em minha pior experiência” (23,7%); “Eu não confiava nas pessoas como antes” (34%); “Odiava ir à escola”

(30,8%); “Eu intimidava ou incomodava outras crianças” (12,8%); e “Tinha problemas de raciocínio, pois ficava lembrando do que havia acontecido” (25%).

Alguns relatos dos participantes descreveram os efeitos das piores experiências escolares perpetradas por professores, como aponta o relato seguinte: *“Uma professora me humilhava durante as aulas quando eu não entendia alguma coisa, eu morria de medo da aula dela e sentia dor de barriga toda vez que ela entrava na sala. Ela pedia o apoio de outros alunos para humilhar-nos”* (P283).

O relato do participante 446 também indica o impacto da sua pior experiência:

A professora era uma senhora que já estava para se aposentar. Lembro como se fosse hoje o cheiro de cigarro de suas roupas, mão amarela, mãos trêmulas e seu hálito horrível. Como eu gostava de conversar, sempre depois que fazia a lição, ela não tinha paciência e de vez em quando jogava giz e o apagador de lousa. Eu sempre me sentia envergonhada e ao mesmo tempo com medo, já que me humilhava e gritava muito comigo. Esta mesma professora me forçou a comer polenta duas vezes. Peguei trauma e nunca mais comi polenta até hoje. Tenho certeza que ela contribuiu demais para eu ter reprovado o segundo ano. Quando vi que meus amigos passariam e eu não, fiquei muito triste e inferior (P 446).

O participante 483 descreveu também um exemplo de sensação de desajustamento: *“Durante uma aula de artes tropecei em uma cadeira e quebrei o vaso da professora, ela ficou gritando muito comigo, me ofendendo. Meus colegas me olharam muito estranho”*. *“Foi um pouco ruim, pois às vezes me sinto “quebrando” algo de alguém”*. Adicionalmente houve relatos de sintomas psiquiátricos:

Minha experiência ocorreu na primeira série, meus colegas de sala me excluíram e minha professora me zuava o tempo todo, me chamava de 'cocozinho de galinha'; eu me isolei de todos, tinha febre, dor de barriga e até chegava a vomitar para não ir a escola. Passei por vários anos com psicólogo e até hoje não consigo lembrar de nenhuma pessoa ou amigos de sala. Só lembro que eu ficava na porta da sala com medo que eles mexiam nas minhas coisas. Desaprendi tudo e segundo o psicólogo eu

regredi tudo. Mudei de escola e até hoje, acho que sou perseguida e zuada. Sou muito paranóica (P 91).

Discussão

Ainda que os estudantes revelem que outros estudantes são responsáveis pelo maior percentual de suas piores experiências escolares (ver Albuquerque & Williams, 2015), 22,6% indicaram envolvimento de professores em sua pior experiência escolar, relatando principalmente situações de violência relacional ou emocional, como as mais frequentes. Os dados do presente estudo estão de acordo com os dispostos na literatura internacional, apontando a vitimização emocional praticada por professores (englobando vitimização relacional e verbal) como mais frequente do que a física, sendo a sexual pouco relatada (Benbenishty et al., 2002).

Nesse sentido, foram descritos pelos participantes diversos exemplos de percepções de humilhações sofridas e relatos envolvendo diferentes formas de discriminação (raça/etnia, condição de saúde e orientação sexual), que são preocupantes por serem graves violações de direito, podendo acarretar danos psicológicos para a saúde mental dos alunos. Adicionalmente, cabe lembrar que os professores deveriam dar modelo de respeito pelas diferenças e de tolerância, estimulando os mesmos comportamentos e atitudes entre os estudantes.

Os relatos relacionados à punição injusta podem ser considerados exemplos de violência psicológica por serem humilhantes, podendo contribuir para o desenvolvimento de problemas acadêmicos e para a sensação de alienação do estudante em relação à escola, ou baixo engajamento escolar (Hyman & Perone, 1998). Esses exemplos mostram também que os estudantes podem ter dificuldade de se defender numa relação desigual de poder que tem com os professores (Silva, 2013; Whitted & Dupper, 2008). Além disso, tais situações de violência perpetrada por professores privilegiam uma relação com os alunos caracterizada pelo medo ao invés de respeito, sendo que a figura do professor pode se tornar aversiva (Benbenishty et al., 2002).

Em relação à violência física, evidências científicas demonstram que a punição corporal não é adequada ao desenvolvimento infantil (Ghosh & Pasupathi, 2016). Segundo esses autores, a punição corporal pode legitimar o

uso de estratégias violentas por parte dos estudantes diante de conflitos na escola e também como forma de comunicação, reforçando, portanto, o ciclo do comportamento violento. Além disso, até mesmo os estudantes que testemunham violência podem passar a acreditar que a agressão que testemunharam é uma forma legítima de expressão (Silva, 2013).

Apenas um participante indicou a vivência de episódio relativo à violência sexual. Apesar de único, o relato preocupa, pois os professores deveriam contribuir com a criação de ambientes seguros na escola e prover modelos apropriados de respeito à integridade sexual (Benbenishty et al., 2002). Deve-se considerar que a vitimização pela equipe escolar e por professores é muito grave, pois pode ameaçar severamente o senso de segurança da criança e a sua capacidade de confiar em adultos (Khoury-Kassabri et al., 2008). Os relatos mostram também o impacto negativo que tais situações de violência podem ter sobre o clima da sala de aula, gerando desconforto para os alunos e prejudicando a aprendizagem como um todo. Nesse sentido, muitos problemas apresentados pelos participantes são semelhantes aos dispostos na literatura, como dificuldades acadêmicas (Benbenishty et al., 2002; Whitted & Dupper, 2008), queixas somáticas (Benbenishty et al., 2002), violência por parte dos estudantes (Hyman & Perone, 1998), desesperança (Ateah & Cohen, 2009), abuso de álcool e de drogas, sintomas traumáticos (Hyman & Perone, 1998) e reexperiência do trauma infligido pelo educador (Benbenishty et al., 2002). Entretanto, é importante apontar que os problemas psiquiátricos indicados pelos participantes podem ter sido desencadeados pelos estressores vivenciados, somados a vulnerabilidade biológica individual.

Por fim, os episódios descritos pelos participantes mostram que diversos fatores podem estar relacionados com a agressão direcionada aos alunos, contribuindo para explicar esses dados. Em primeiro lugar, apesar do foco desse estudo ser a violência praticada pelo professor aos alunos, é sabido que o professor também sofre violência nas escolas (Espelage et al., 2013; Ruotti, 2007), o que gera um clima inseguro aos mesmos, interferindo na sua qualidade de trabalho.

Como parte da sociedade, muitos desses professores provavelmente foram expostos a situações de violência na infância, tendo tido também modelos de interações agressivas e podendo reproduzir tais modelos. Os professores que agredem seus alunos, então, também podem ter sido vítimas do fenômeno, podendo ter sido agredidos no âmbito da família ou da escola, durante a sua infância ou juventude (Silva, 2013).

Além disso, as condições estressantes do cotidiano escolar, a sobrecarga de trabalho e a desvalorização da categoria podem favorecer a emissão de comportamentos violentos. Muitos professores podem ter dificuldades para lidar com os comportamentos desafiadores por parte dos alunos, por exemplo. Soma-se a isso o fato de que alguns professores tem uma formação deficitária no que se refere aos direitos humanos, tendo pouca bagagem metodológica para melhorar a convivência e enfrentar os conflitos de forma positiva.

Benbenishty et al. (2002) pontuam que a violência pode ser uma resposta inadequada da equipe escolar e dos professores diante da falta de habilidades alternativas. Por isso é importante garantir a capacitação constante dos professores, ajudando esses profissionais a identificarem as situações que suscitam as respostas agressivas e favorecendo a obtenção de habilidades para manejar tais situações, sem recorrerem à violência, tais como o projeto Violência Nota Zero (Stelko-Pereira & Williams, 2016) que diminuiu problemas de saúde mental da parte dos professores participantes. Outro aspecto importante é fornecer informações sobre evidências científicas que comprovam a ineficácia de métodos agressivos em mudar o comportamento dos alunos (Benbenishty et al., 2002). Por fim, Benbenishty, Zeira e Astor (2002) afirmam que as políticas escolares deveriam enfatizar um clima escolar que possa englobar alunos vulneráveis e estabelecer com eles um relacionamento positivo.

Adicionalmente, Stelko-Pereira, Santini e Williams (2011) apontam algumas medidas para evitar situações em que os educadores entrem em conflito com o aluno: valorização de comportamentos não agressivos dos alunos, aquisição de habilidades de decisão e resolução de problemas de forma prosocial e promoção da comunicação a partir de discussões sobre preconceito e diferenças. Além disso, as autoras propõem a análise dos conflitos, a

valorização dos alunos como seres humanos e como aprendizes, a dinamização de atividades extracurriculares e a mediação pares/pares (Stelko-Pereira et al., 2011).

Para Ruotti (2007) vários fatores estão envolvidos na prevenção da violência escolar, sendo que é necessário que os professores se envolvam numa reflexão constante sobre a prática educativa. As intervenções na escola devem visar minimizar os fatores de risco ao desenvolvimento da violência escolar e aumentar os fatores de proteção, contando com a participação de todos os membros da escola, inclusive da comunidade, fortalecendo o vínculo entre escola, família e comunidade. Devem também ser estimulados valores como tolerância, solidariedade, justiça e reconhecimento da diversidade, evitando-se práticas e relações autoritárias e discriminatórias (Ruotti, 2007).

Considerações finais

O presente estudo apresenta limitações, pois não investigou a percepção dos professores sobre as situações conflituosas relatadas pelos estudantes e também pela utilização um único questionário para obtenção dos dados. No entanto, os altos índices de vitimização dos alunos por professores (principalmente vitimização relacional, disciplina injusta, violência verbal e violência física), os relatos impactantes das piores experiências escolares envolvendo professores e a descrição dos principais problemas apresentados pelos estudantes após estas experiências, indicam que a violência perpetrada por professores é um fenômeno preocupante também no Brasil.

Estudos futuros envolvendo múltiplos instrumentos e com a participação de vários agentes escolares podem auxiliar na determinação das variáveis envolvidas nas situações de violência entre professores e alunos, contribuindo para o delineamento de medidas voltadas à prevenção da violência no contexto educacional. São necessárias diversas ações para combater a violência escolar perpetrada por professores, desde o investimento em políticas públicas específicas de melhoria das condições de trabalho dos educadores, oferecimento de cursos de capacitação para professores (sensíveis às suas reais necessidades), intervenções direcionada aos alunos alvos de violência e até mesmo o delineamento de programas de prevenção à violência escolar como um

todo. Tais ações conjuntas, envolvendo a totalidade dos atores escolares (alunos, funcionários e professores), familiares e a comunidade em geral, poderiam favorecer a criação de um clima positivo, para que a escola seja um ambiente livre de violência.

Agradecimentos

Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processo 2010/01379-5.

Referências

- Albuquerque, P. P., & Williams, L. C. A. (2015). Impacto das piores experiências escolares em estudantes: Um estudo retrospectivo sobre trauma. *Paidéia*, 25(62), 342-351.
- Albuquerque, P. P., & Williams, L. C. A. (2014). Evidências de validade da escala “Student Alienation and Trauma Survey - R”. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 115-124.
- Ateah, A., & Cohen, I. (2009). School victimization and bullying experiences: Cross-national comparisons between Canada and the United States. *New Scholarship in the Human Services*, 8(1), 1-22.
- Barbosa, A. J. G., Campos, R. A., & Valentim, T. A. (2011). A diversidade em sala de aula e a relação professor-aluno. *Estudos de Psicologia*, 28(4), 453-461.
- Benbenishty, R., Zeira, A., Astor, R. A., & Khoury-Kassabri, M. (2002). Maltreatment of primary school students by educational staff in Israel. *Child Abuse & Neglect*, 26, 1291–1309.
- Benbenishty, R., Zeira, A., & Astor, R. A. (2002). Children’s reports of emotional, physical and sexual maltreatment by educational staff in Israel. *Child Abuse & Neglect*, 26, 763–782.

- Campbell, M. A. (2004). School victims: An analysis of my worst experience in school' scale. *Performing Educational Research: Theories, Methods and Practices*. Flaxton, Australia: Post Pressed Flaxton.
- Espelage, D., Anderman, E. M., Brown, V. E., Jones, A., Lane, K. L., et al. (2013). Understanding and preventing violence directed against teachers. *American Psychologist*, 68(2), 75-87.
- Ghosh, A., & Pasupathi, M. (2016). Perceptions of students and parents on the use of corporal punishment at schools in India. *Rupkatha Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities*, 8(3), 269-280.
- Hyman, I. A., & Perone, D. C. (1998). The other side of school violence: Educator policies and practices that may contribute to student misbehavior. *Journal of School Psychology*, 36(1), 7-27.
- Hyman, I., & Snook, P. (2002). *Manual for the My Worst Experience Scales (MWES)*. Los Angeles: Western Psychological Services.
- Khoury-Kassabri, M., Astor, R. A., & Benbenishty, R. (2008). Student victimization by school staff in the context of an Israeli National School Safety Campaign. *Aggressive Behavior*, 34, 1-8.
- Ruotti, C. (2007). Prevenção da violência escolar. In C. Ruotti, R. Alves, V. O. Cubas, *Violência na escola: Um Guia para Pais e Professores* (pp 209-232). São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Silva, M. (2013). A violência da escola na voz de futuros professores: uma probabilidade da produção da cultura da violência em ambientes escolares? *Educar em Revista*, 49, 339-353.
- Stelko-Pereira, A. C., Santini, P. M., & Williams, L. C. A. (2011). Punição corporal aplicada por funcionários de duas escolas públicas brasileiras. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 581-591.
- Stelko-Pereira, A.C. & Williams, L.C.A. (2016). Evaluation of a Brazilian school violence prevention project (*Violência Nota Zero*). *Pensamiento Psicológico*, 14(1), 63-76. DOI: 10.11144/Javerianacali.PPSI14-1.ebsv

Whitted, K. S., & Dupper, D. R. (2008). Do teachers bully students? Findings from a survey of students in an alternative education setting. *Education and Urban Society*, 40(3), 329-341.

Williams, L. C. A. W., D'Affonseca, S. M., Correia, T. A., & Albuquerque, P. P. (2011). Efeitos a longo prazo da vitimização escolar. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 4(2), 187-199.